

Globalização e Vida Cotidiana: uma análise de biografias de atletas brasileiros sob a perspectiva de Ulrich Beck

Airton Adelar Mueller: Doutor em Sociologia pela *Freie Universität Berlin*, Alemanha. Bolsista de pós-doutorado PNPd-CAPES no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí, Brasil.

Aline Benso: Mestre em Desenvolvimento pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Unijuí, Brasil. Docente no curso Relações Públicas na Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, Campus Frederico Westphalen, Brasil.

Sérgio Luis Allebrandt: Doutor em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR/UNISC, Brasil. Professor titular da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Nelson José Thesing: Doutor em Integração Regional pela Universidade Federal de Pelotas. Professor titular da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Resumo

O artigo discute implicações da globalização na vida cotidiana a partir do exemplo de jogadores de futebol brasileiros que residem ou residiram no exterior. Ancorado nos conceitos de Globalização e Globalização das Biografias de Ulrich Beck, questiona-se se o cotidiano destes profissionais/migrantes possibilita a “globalização de suas biografias” ou se, pelo contrário, leva ao isolamento e à exacerbação de sua identidade vinculada ao seu país natal. Para tanto, valeu-se de pesquisa na literatura acadêmica específica, bem como de reportagens veiculadas pela mídia esportiva brasileira. Os resultados apontam que tanto as regras impostas pelos clubes, quanto a reconstrução do estilo de vida brasileiro por parte dos próprios atletas no âmbito privado, configuram um cotidiano de relativo isolamento frente ao contexto local. Por isso, com raras exceções, os atletas brasileiros não constroem biografias globais e em muitos casos tendem a reforçar sua identidade brasileira no exterior.

Palavras-chave: Globalização. Cotidiano. Futebol. Biografias Globais. Ulrich Beck.

1 Introdução

Talvez nada seja tão global em nossos tempos quanto o futebol. Desde sua invenção nas ilhas Britânicas no final do século 19 até os tempos atuais este esporte se difundiu pelo mundo e conquistou multidões. Multidões estas que consomem futebol de muitas maneiras, fazendo deste esporte um negócio multimilionário. As fronteiras nacionais parecem já não representar mais grandes obstáculos. Nem para os torcedores dos clubes que, através dos meios de comunicação de massa, podem acompanhar as atividades de suas equipes e atletas preferidos. Nem para os clubes, que buscam jogadores em todas as partes do mundo e, com isso, formam equipes multiétnicas e plurinacionais. E nem para os atletas, cujo mercado de trabalho se tornou literalmente o mundo todo. Desta forma, o futebol certamente é uma das manifestações mais claras da globalização e, assim, campo fértil para sua teorização e análise empírica de suas múltiplas facetas.

Além de macro aspectos como migrações e esmaecimento de fronteiras nacionais, a globalização está diretamente imbricada com aspectos da vida cotidiana de cada indivíduo. Este entra em contato com até então distantes e distintas culturas, religiões, produtos, pessoas, crises financeiras, etc. Em função disso, seus hábitos e percepções sobre tais “mundos distantes” são formatados e transformados. Segundo Beck (1999) tal realidade conduz, entre outros aspectos, à “globalização de biografias” ou, em outras palavras, a uma visão cosmopolita de mundo. Função relevante neste processo teria não somente a “mobilidade externa” (tal como viagens), mas também a “mobilidade interna”, ou seja, a “mobilidade psíquica”, a mudança de percepções tendo em vista os novos contatos e contextos.

Especialmente em função das massivas migrações de atletas (no presente caso, jogadores de futebol) nas últimas décadas (POLI, 2010; TAYLOR, 2006) é que a partir deste esporte se tornam visíveis tais micro aspectos da globalização. Os migrantes profissionais do futebol defrontam-se com diferentes, e na maioria dos casos, relativamente estranhas culturas. Neste sentido, estes profissionais refletem sobremaneira tal face da globalização, que até então segue pouco investigada pelo mundo acadêmico. Pouco se sabe sobre o dia-dia desses jogadores, especialmente sobre aqueles que atuam mais distantes de seu país de origem. Como vivem estes estrangeiros em terras desconhecidas? Como são resolvidos os problemas cotidianos nesse contexto? Como é a recepção institucional por parte dos clubes que os contratam? Como são mantidos os contatos com familiares e amigos? Estes estrangeiros se

integram à nova sociedade, ou dela vivem isolados, são “excluídos”? Em síntese, valendo-se dos conceitos de Ulrich Beck, pode-se questionar: como é a mobilidade interna destes jogadores? Eles a desejam? O seu cotidiano enquanto atletas profissionais possibilita a “globalização de suas biografias” ou, pelo contrário, leva ao isolamento e à exacerbação de sua identidade vinculada ao seu país natal?

Tendo em vista que o Brasil é um dos maiores exportadores de jogadores de futebol, este trabalho discute tal aspecto da globalização a partir do enfoque no cotidiano de jogadores de futebol brasileiros que residem ou residiram no exterior. Para tanto, valeu-se de pesquisa na literatura acadêmica específica, bem como de reportagens veiculadas pela mídia esportiva brasileira. O trabalho se divide, além desta introdução, em uma seção de discussão das concepções de Beck (1999) sobre globalização e suas consequências no cotidiano dos indivíduos, especialmente no que tange às biografias. Em seguida aborda-se os caminhos e os condicionantes que levaram à difusão do futebol pelo mundo, bem como a evolução dos números de atletas brasileiros no futebol mundial. Na sequência, busca-se abordar mais detidamente as questões acima levantadas quanto às biografias dos atletas e encerra-se com as considerações finais.

2 Globalização e globalização das biografias segundo Beck

Conforme Giddens (2001), até finais dos anos oitenta do século XX o termo “globalização” estava praticamente ausente da linguagem cotidiana, mas também da linguagem acadêmica. Entretanto, já na virada do milênio ele teria se tornado termo de uso corrente. Held et al (1999) por exemplo, sustentam que as diferentes facetas da globalização se fazem sentir em todas as esferas da vida cotidiana. Segundo suas palavras isto se dá „from the cultural through the economic, the political, the legal, the military and the environmental“ (HELD et al, 1999, p.27). Para Beck (1999) globalização significa

[...] a experiência cotidiana da ação sem fronteiras nas dimensões da economia, da informação, da ecologia, da técnica, dos conflitos transculturais e da sociedade civil, e também acolhimento de algo a um só tempo familiar mas que não se traduz em um conceito, que é de difícil compreensão mas que transforma o cotidiano com uma violência inegável e obriga todos a se acomodarem a sua presença e a fornecer respostas (BECK, 1999, p.46-47, destaque no original).

Se a globalização é de fato um fenômeno novo é discutível. Alguns sustentam que tal fenômeno surgira apenas depois da Segunda Guerra Mundial. Outros, por sua vez, entendem ter ela suas raízes no século 15, quando teria surgido em decorrência da expansão marítima

européia. Há ainda aqueles que afirmam tratar-se de um fenômeno já presente desde sempre na humanidadeⁱ (BECK, 1999). De todo modo, novo seria, segundo Beck (1999), o fato de que as pessoas se tornaram mais móveis. Especialmente se elas dispuserem de habilidades valorizadas pelo mercado, estariam mais predispostas a se tornarem espacialmente móveis. Novo também seriam o agir cotidiano para além das fronteiras nacionais, a percepção desta transnacionalidade, o “desterramento da comunidade”, do trabalho e do capital, a consciência sobre os riscos ecológicos atuais, além da percepção do Outro transcultural na própria vida (BECK, 1999).

Esta mobilidade crescente conduzira à “Topopoligamia”. Ou seja, a um sentido de “enamorar-se” de e “casar-se” com diversos lugares que pertencem a distintos mundos. O que encerra um sentido de “sentir-se em casa” nestes diversos lugares. Desta forma, tais lugares ofereceriam a oportunidade de autoconhecimento e experimentação do diferente, o que levaria à transformação da própria biografia. Neste sentido, esta topopoligamia seria o caminho de entrada da globalização na própria vida, o que, por sua vez, levaria à globalização das biografias. Esta globalização das biografias significa que:

as contradições do mundo não se encontram apenas do lado de fora, mas também no centro da vida de cada um, nos casamentos e nas famílias multiculturais, nas empresas, nos círculos de amizades, na escola, no cinema, nas compras em uma padaria, na música, na janta, no amor, etc. (BECK, 1999, p.135-136).

A vida dos indivíduos não seria mais presa a um determinado lugar. Tratar-se-ia de uma vida em viagem, em movimento (no sentido literal e figurado), uma vida nômade, uma vida no carro, no avião, no trem ou no telefone, na internet, uma vida apoiada nas e influenciada pelas mídias de massa. Por isso, se a vida cotidiana se estende por diversos destes lugares, as biografias poderiam se dar no “espaço comum” (aeroportos, hotéis, restaurantes). Ou seja, em locais que em todos os países e continentes são relativamente semelhantes.

Para viabilizar esta nova forma de vida seriam essenciais as novas tecnologias, tais como satélites, internet, aviões, etc., uma vez que elas atuam como pontes que transpõem o tempo e o espaço. Entretanto, para compreender esta nova forma de vida, ou nas palavras de Beck (1999, p. 138), “a figura social da globalização das vidas individuais” seria necessário um novo entendimento de mobilidade. Neste sentido, Beck (1999) menciona duas formas de mobilidade: a externa e a interna. A primeira refere-se a acontecimentos do cotidiano, tais como mudança de residência e/ou local de trabalho; mudança forçada, como por exemplo o

exílio; migração, etc. Em contraposição a esta, a mobilidade interna “significa a medida da flexibilidade física e espiritual necessária ou desejada para o domínio desta vida cotidiana entre mundos diferentes” (BECK, 1999, p.139). No primeiro plano da vida globalizada estaria a mobilidade interna individual, que já estaria habituada ao ir e vir, a estar simultaneamente aqui e ali. Esta mobilidade interna

[...] **não é, há muito tempo, a exceção, e sim a regra**; não é algo desconhecido, mas bastante familiar, que pode recorrentemente ser identificado nas mais diversas formas de expressão; e a conexão contínua entre diversos lugares e suas necessidades sociais específicas, é a segunda natureza da vida individual (BECK, 1999, p.139, grifos nossos).

3 Globalização do futebol e o exemplo brasileiro como produtor e exportador de atletas

O dia 23 de outubro de 1863 é tido como a dia de nascimento do futebol moderno (EISENBERG, 2004). Nesse dia, na Freemason’ Tavern - Londres, reuniram-se representantes de diversas equipes inglesas com o fito de uniformizar as até então diferentes regras daquele esporte. Simultaneamente foi criada a *Football Association* (FA), que passaria a ser um órgão supervisor da prática desta modalidade esportiva e teria, em caso de dúvidas quanto às novas regras, o monopólio interpretativo das mesmas. A partir deste pontapé inicial a expansão mundial do futebol representou um caso de sucesso estrondoso, para o qual diferentes fatores contribuíram.

Tal qual para a globalização em sentido *latto*, também para a difusão espacial do futebol se mostraram fundamentais os meios de transporte, especialmente, nos primeiros anos, aqueles movidos pela máquina a vapor. Isto porque “não foram poucos os britânicos que em suas viagens pelo mundo traziam uma bola de futebol em sua bagagemⁱⁱ” (EISENBERG, 2004, p. 9, tradução do autor). Por esta via é que tal esporte desembarca no continente sul-americano, onde ainda hoje são usadas palavras inglesas em nomes oficiais de clubes de futebolⁱⁱⁱ. Além disso, as próprias palavras “futebol” em português e *fútbol* em espanhol, denunciam a influência das origens britânicas.

Outro papel importante para a expansão, e finalmente globalização do futebol, desempenhou a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), criada em Paris no ano de 1904. Atualmente (meados de 2015) ela é composta por 209 federações nacionais (FIFA, 2015), para as quais ela atua como entidade guarda-chuva, define e supervisiona as regras atuais do esporte^{iv}. Além disso ela organiza, entre outros eventos, as copas mundiais de

seleções nacionais nas modalidades feminino e masculino, além de regulamentar as transferências internacionais de atletas. Dentre estes eventos, certamente a copa do mundo na modalidade masculino adulto desempenhou o papel principal no que tange à popularização e difusão do esporte. Em 1930, no Uruguai deu-se início a este tipo de competição, onde pela primeira vez 13 seleções, vindas da América do Sul e da Europa, se enfrentaram em um torneio. A partir disso o número de participantes cresceu continuamente, tanto que “[...] a palavra globalização foi uma das palavras mais usadas nesta copa do mundo de 2002. Dos 736 jogadores, 361 recebiam seus proventos de empregadores estrangeiros”^{vv} (SCHULZE, 2006 p.12, tradução dos autores).

Outro fator propulsor da globalização do futebol se deu em decorrência da segunda guerra mundial: a descolonização da África e da Ásia. Estes novos países tinham obviamente a intenção de se apresentar como tais no cenário global, para tanto o futebol poderia servir como uma espécie de vitrine. Em função disso, em meados da década de 1950 o número de Federações não europeias afiliadas à FIFA ultrapassara o número das europeias. Pelo fato de que a FIFA adotava o princípio “um país, um voto”, sentiram-se os europeus ameaçados em seu poder de interferência nos rumos da organização. Como reação destes foi criada, em 1954, a *Associations Européennes de Football* (UEFA), com o intuito de representar exclusivamente os interesses europeus no que diz respeito ao futebol. Por isso, segundo Eisenberg (2004), a UEFA, em conformidade com a mídia europeia, representaria, desde sua criação, uma espécie de força antiglobalização do futebol.

Entretanto, no ano de 1974, pela primeira vez um não europeu (o brasileiro João Avelange) foi eleito presidente da FIFA. Com ele iniciou-se a comercialização dos direitos de transmissão televisiva dos eventos futebolísticos e o trabalho em parceria com patrocinadores como Coca Cola e Adidas. Estas iniciativas aumentaram exponencialmente as receitas da entidade máxima do futebol, com o que foram criados, entre outros, programas de ajuda a países do chamado terceiro mundo. Há de se acrescentar que em função do desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e do conseqüente aumento de consumidores (telespectadores) dos seus eventos, não somente a FIFA passou a viver novos tempos. Também os clubes de futebol passaram por modificações semelhantes. Suas rendas ampliaram-se na mesma direção que as da FIFA. Disso resultou o incremento vertiginoso nos rendimentos e nos valores das transferências de atletas para outros clubes, bem como aumento do número de atletas comercializados internacionalmente (EISENBERG, 2004).

Por estes caminhos o futebol tornou-se cada vez mais uma atividade econômica racionalmente e profissionalmente gerenciada. De um lado, os clubes e patrocinadores estabelecidos nos países ricos buscam, via plantéis recheados de estrelas internacionais, auferir lucros junto aos atuais e futuros torcedores/consumidores espalhados em todo o planeta. De outro lado, em países relativamente pobres (especialmente América Latina e África), é objetivo de clubes e de determinadas empresas, a deliberada “produção” de atletas exportáveis. Sobre isto manifestou-se recentemente o fundador do Observatório Suíço de Jogadores Profissionais, Raffaele Poli, dizendo que “Jogador de futebol virou commodity e o Brasil, seu maior exportador” (COURA, 2009, p.2). Opinião semelhante manifesta um dirigente do Desportivo Brasil, clube brasileiro criado pela empresa de marketing esportivo Traffic. Segundo ele, “nosso objetivo é formar e vender jogadores. Não existe paixão. Não temos torcida. É negócio” (COURA, 2009, p.6).

O mapa a seguir ilustra tal realidade. Os dados referem-se às transferências ocorridas no ano de 2010. Nele se percebe o volume e as redes (direções) do atual comércio internacional de jogadores de futebol. Observa-se três fluxos principais entre Brasil-Portugal, Inglaterra-Escócia e Argentina-Chile. Os demais fluxos internacionais são, todavia, expressivos, especialmente as transferências dentro dos continentes europeu e sul-americano, bem como o papel já expressivo de países asiáticos como Japão, Coreia do Sul e Turquia.

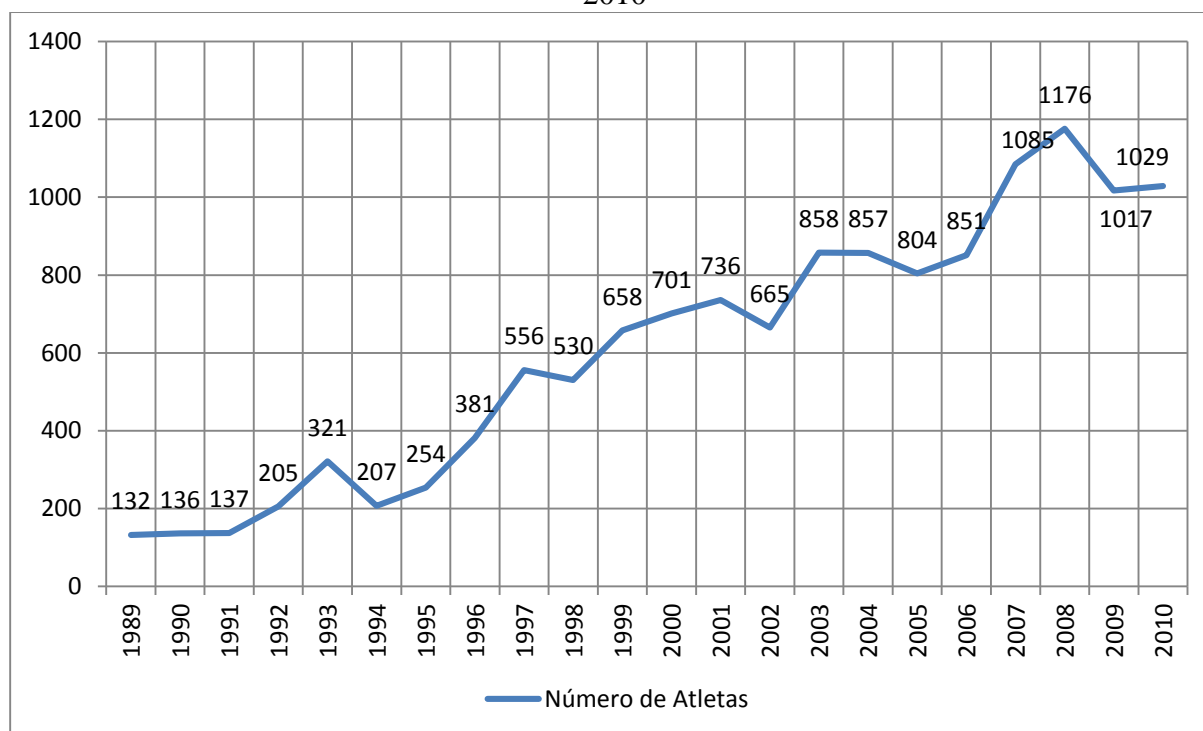
Mapa 1: Transferências de jogadores de futebol ocorridas no ano 2010 em todos os continentes



Fonte: BESSON; POLI; RAVENEL (2011, p.18).

Conforme o gráfico abaixo bem ilustra, há, apesar de pequenas oscilações, ano a ano um incremento do número de jogadores brasileiros exportados nas últimas duas décadas. Se em 1989 foram exportados „apenas“ 132 atletas, este número ultrapassou a casa das 1000 transferências em 2007. Ao total, no período em questão, foram vendidos 13.296 jogadores a clubes estrangeiros. Observando-se os dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) referentes às transferências entre o período de 2003 a 2009, vê-se que não menos de 113 países importaram 6648 atletas brasileiros. A maior parte das transferências (57%) teve a Europa como destino. Outros 24% dos atletas rumaram para países asiáticos, 17% para outros países do continente americano, 1,5% para a África e apenas 0,5% deles se transferiu para a Oceania.

Gráfico 1: Transferências anuais de brasileiros jogadores de futebol durante o período 1989 – 2010



Fonte: Elaboração do autor. Fonte dos dados: ALVITO (2006) e CBF (2011).

Ao analisar a distribuição destes jogadores por países de destino, vê-se que há uma predominância de Portugal com um total de 17% das transferências naquele período. Em seguida aparecem, em ordem decrescente: Japão, Alemanha e Itália com cerca de 4% para cada país. Vale notar que ao excluir-se Portugal, a grande maioria dos atletas (83%) se distribuiu em um total de 112 países distintos. Dentre eles encontram-se países com pouca tradição futebolística como Tadjiquistão, Oman e Bangladesch. Isto tende a corroborar a afirmação dos autores do *Global Player Migration Report – 2011*, segundo os quais

„Brazilians can be considered as the authentic global football workforce” (BESSION, 2011, p.17).

4 Globalização das Biografias de jogadores brasileiros?

Como esta legião de brasileiros – especialmente aqueles jogadores desconhecidos do grande público – vive em países muitas vezes totalmente desconhecidos até então pouco se sabe. Até mesmo sobre muitos atletas relativamente famosos pouco é conhecido quanto aos aspectos cotidianos de sua vida, tendo em vista sua condição de estrangeiros nos respectivos países onde passam a trabalhar. Rial (2006, 2008, 2009) realizou, entre os anos 2003 e 2007, um estudo com 40 jogadores brasileiros que na época viviam ou viveram no exterior e traz informações preciosas no que tange aos objetivos deste texto^{vi}. Informações igualmente valiosas podem ser encontradas em Coura^{vii} (2009). É nestas fontes que se baseia o presente item.

Carreiras internacionais iniciam em idade tenra, por isso é que boa parte desta história se desenrola inicialmente no Brasil. Do início da fase preparatória – que se dá com cerca de 10-12 anos de idade – até a profissionalização – com cerca de 18-20 anos de idade – a grande maioria de jovens aspirantes a craques vive nos próprios clubes ou em escolinhas de futebol. Nestes lugares sua rotina consiste, em grande medida, em treinos musculares e com bola. Tendo em vista o elevado número de aspirantes frente ao número real de grandes clubes é relativamente baixa a proporção de jovens que efetivamente atingem seu objetivo maior. No Santos Futebol Clube – onde surgiram Pelé, Robinho e Neymar – segundo Coura (2009), apenas 10 de cada 100 jovens tornam-se jogadores profissionais. Em função das enormes dimensões territoriais brasileiras é comum que muitos destes jovens vivam distantes de suas famílias. Entretanto, creem eles que o futuro irá compensar todas as dificuldades do presente. Neste sentido Coura (2009) cita a percepção de um garoto de 15 anos – Victor Torres – que treina no Santos. “Pelo sonho de ser um jogador de futebol me sujeito a tudo” (COURA, 2009, p.3).

Este momento de deixar o lar para viver em uma „concentração”, geograficamente distante de casa, junto com dezenas de outros garotos, pode ser visto como o primeiro momento de reconfiguração de suas biografias. É aqui que, apesar do suporte oferecido pelos clubes ou escolinhas, são requeridas não apenas a mobilidade física (externa), mas também a mobilidade espiritual (interna). Para tanto, contribuem sobremaneira as atuais possibilidades

de comunicação eletrônica no sentido de encurtar distâncias e auxiliar no processo de adaptação à nova realidade.

No momento de aquisição de um jogador por parte de um clube estrangeiro, um dos critérios mais relevantes costuma ser reduzir as possibilidades de uma não-adaptação no exterior. Por isso é que nem sempre os mais talentosos são aqueles que fazem carreira internacional. Baseado em informações obtidas junto a caça-talentos do Bayer de Munique, do Manchester United, e da Inter de Milão, ativos no Brasil, Coura (2009) afirma que além de criatividade e capacidade de improviso com a bola, as seguintes características dos atletas são levadas em consideração:

- A idade não pode ser superior a 23 anos, uma vez que jogadores mais jovens seriam mais adaptáveis e maleáveis;
- Altura mínima de 1,78m;
- Bom comportamento e uma família minimamente estruturada;
- Posse de um passaporte europeu. Quem puder obter um passaporte de algum país europeu terá vantagens frente aos seus concorrentes, pois desta forma ele não será, em termos legais, um estrangeiro. Isto permite a aquisição de mais um brasileiro ou atleta de outra nacionalidade não europeia.

Em conformidade com tais critérios e em contraposição ao que se poderia imaginar em um primeiro olhar, a origem social dos jogadores, especialmente daqueles que fazem carreira internacional, não são as camadas mais pobres, nem as mais ricas da população brasileira. Iniciar uma carreira neste esporte requer recursos materiais e imateriais: chuteiras, custos de transporte, contatos com os clubes, etc. O que por si só já se torna uma barreira para aquelas famílias e indivíduos mais carentes. De outro modo, as famílias mais abastadas costumam investir prioritariamente na educação de seus filhos visando à reprodução de funções de comando em seus empreendimentos empresariais (RIAL, 2008). Em função disso são as famílias pobres, porém não as miseráveis, que possuem as condições materiais suficientes e a estrutura familiar capaz de investir na carreira futebolística. Assim, tal investimento é, muitas vezes, um projeto coletivo, no qual toda a família do futuro jogador se vê engajada (RIAL, 2008). Da mesma forma está diretamente associado a esta origem social dos jogadores o seu relativamente baixo nível de instrução e seu pouco conhecimento de línguas estrangeiras. O que, por sua vez, condiciona e limita as próprias expectativas e vivências – em outros termos, a mobilidade interna – deles em diferentes e estranhos contextos culturais.

O país de destino em si tende a ser fator relevante na opinião dos jogadores, para concretização de uma transferência. Entretanto, tal opinião nem sempre é tida como a mais importante quando uma transação é decidida.

Eu nunca quis jogar na Ucrânia. Vim para cá em 2007 porque insistiram muito. O presidente do clube fez de tudo para me convencer: [...] Com o passar do tempo, comecei a ficar infeliz. Jogando na Ucrânia não tenho visibilidade. Não quero ser um milionário desconhecido no resto do mundo. [...]. Nos fins de semana, fico em casa, entediado. [...]. Mas o que mais odeio aqui é a polícia, que sempre me para. Como eles sabem que sou jogador, fazem isso para tentar me tomar dinheiro. O Shakhtar pode me dar um caminhão de dólares, mas eu não renovo por valor nenhum." [Willian Borges da Silva, citado em COURA, 2009, p.5].

Aqui se mostra claramente que a intenção dos atletas não é apenas a de amealhar altos salários. É provável que tal interesse seja maior por parte de outros envolvidos nas transações e pouco conhecidos do grande público. O atleta acima pretendia, no momento da entrevista, mudar o mais rápido possível de clube e país. Ele quer, além de dinheiro, sair do anonimato ao qual estaria relegado por jogar na Ucrânia. Neste caso ele atua em um “lugar” (clube, país) não desejado e apesar de se dizer um milionário – o que lhe permitiria realizar inúmeras atividades de lazer – diz também passar os finais de semana entediado em casa. Além disso ele se diz inconformado com a ação da polícia daquele país, a qual ele acusa de tentativas de extorsão. É de se imaginar que diante de um tal contexto são poucas as vivências deste atleta que lhe permitiriam a conformação de uma “biografia global”. Menores parecem ser as chances dele se “apaixonar” e se “casar” – para usarmos os termos de Beck (1999) – com tal “lugar”.

Apesar desta realidade, se faz necessário que os atletas permaneçam em tais “lugares”, afim de não comprometerem a rentabilidade dos investidores. Em função disso são parte do cotidiano destes jogadores uma série de medidas e pessoas voltadas a gerenciar o seu dia-dia e, assim, reduzir as possibilidades de insucesso dos mesmos. Desde à recepção no aeroporto, passando por agilização de trâmites burocráticos, até a atuação de tradutores no momento de nascimento dos filhos dos jogadores, tende a haver suporte a eles disponível. Além disso, muitos clubes incentivam a aproximação com outros brasileiros que vivam nas imediações e/ou oferecem os trabalhos de um “mentor” que se incumba da realização das mais distintas tarefas cotidianas. Tal função, em alguns casos, também é desempenhada pelo empresário do atleta ou por alguém por ele designado. Este pode atuar como tradutor, motorista, secretário e pode inclusive morar na mesma residência que o atleta. Na interpretação de Rial (2008) trata-

se de uma mescla de prestação de serviços, vigilância e amizade, e com esta mescla dissolver-se-iam as fronteiras entre trabalho e vida pessoal.

Entretanto, não há propriamente regras no que diz respeito ao como se manejam as atividades e problemas cotidianos que vão além da prática do esporte em si. Em função disso ocorre que inclusive amigos de infância chegam a acompanhar os atletas, bem como cozinheiras brasileiras podem ser contratadas para a preparação das refeições ao estilo e paladar brasileiro dos mesmos. Também costuma ser frequente a visita de familiares quando estes já não residam com o atleta no novo país. Tais medidas, entretanto, são bastante dependentes do nível financeiro dos jogadores e, por isso, não pode ser considerada uma situação generalizada. Em função deste limitador entram em cena mais uma vez os atuais meios de comunicação eletrônicos, especialmente a internet.

Segundo Rial (2009) aqueles atletas participantes de sua pesquisa vivem em uma espécie de “bolha” ou “zona”, dentro da qual eles estão isolados do seu entorno, isolados do contato direto com o público, tal qual costuma acontecer com estrelas do cinema ou altas autoridades políticas. Seu mundo não seria o novo país ou cidade, mas sim o clube e a sua residência. Desta mesma forma, para estes atletas, são especialmente bastante conhecidos os “espaços comuns” (aeroportos, hotéis, etc.) mencionados por Beck (1999). Tal situação confirmam alguns dos entrevistados de Rial (2006) quando perguntados se conhecem muitos países.

- [Jogador] A.: Os hotéis sim, a gente conhece bem. A gente vai viajar, chega à tarde numa cidade, vai para o hotel, fica o dia inteiro no hotel e vai para o jogo, ou volta para o hotel para dormir.

- [Jogador] D.: Ou vai embora no dia seguinte ou vai embora depois do jogo mesmo.

- [Jogador] A.: A gente conhece bastante países... os hotéis de bastante países! Os hotéis a gente conhece bem (RIAL, 2006, p.23).

Uma das características da globalização, segundo Beck (1999), seria a possibilidade de consumir produtos de diferentes partes do planeta. Desta maneira, o consumo de produtos cotidianos pode ser visto como uma forma de expressar e caracterizar a mobilidade, ou imobilidade, interna. Neste sentido, a própria menção a “cozinheiras brasileiras” feita acima, deixa transparecer a manutenção dos hábitos alimentares dos jogadores brasileiros vivendo no exterior. Justamente em função da globalização é possível facilmente comprar e/ou importar produtos brasileiros (dentre os quais os alimentícios) em muitos dos novos locais de moradia dos atletas. Por isso sua alimentação segue basicamente sendo composta de pratos brasileiros como a combinação feijão e arroz, o consumo de carne bovina, bebidas brasileiras (sucos,

refrigerantes e cervejas). Também shampoos, e até mesmo medicamentos brasileiros são consumidos preferencialmente. A isso se acrescentam CDs/DVDs (música e filmes) brasileiros, programas da TV brasileira, bem como a frequência a cultos e/ou missas em língua portuguesa. Até mesmo a versão brasileira da revista Playboy costuma ser consumida no exterior. Além disso o período de férias costuma ser passado no Brasil, e quando os atletas se encontram lesionados, ou familiares caem enfermos, muitos preferem se submeter a tratamento no país natal.

Aqui alguns dos principais propulsores da globalização – como a redução dos custos de transportes e a melhoria dos meios de comunicação – mostram efeitos contraditórios. De um lado estes propulsores viabilizam a manutenção dos contatos com familiares e amigos distantes geograficamente e também viabilizam as visitas constantes dos mesmos aos atletas no exterior. Além disso, em função da globalização já existente, se torna possível a aquisição de produtos brasileiros. O que certamente tende a facilitar a adaptação dos atletas no exterior e, assim, facilitar a expansão da globalização do futebol. De outro lado, estes mesmos mecanismos fazem com que tais estrangeiros permaneçam mentalmente atrelados ao seu país de origem. Com isso se mantém inabalada sua identidade brasileira e os hábitos a ela associados. O que, nos termos de Beck (1999), pode ser visto como inexistência de mobilidade interna e, conseqüentemente, como a não construção de biografias globais.

4.1 Biografias que fogem à regra

Para Beck (1999), conforme citado no segundo item deste texto, a mobilidade interna não seria a exceção, e sim a regra. Ela não seria algo desconhecido, mas bastante familiar, podendo ser facilmente identificada em diversas formas de expressão. Conforme visto, esta não parece ser a regra para grande parte dos atletas brasileiros em questão. Para estes, ao que tudo indica, a regra é justamente o isolamento, a não-mobilidade interna. Toda regra, entretanto, tem suas exceções que a confirmam. A título de exemplo, ilustra-se o argumento com a trajetória de dois ex-atletas: Leonardo do Nascimento de Araújo (Leonardo) e Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga).

O ex-jogador da seleção brasileira Leonardo do Nascimento de Araújo partiu do Brasil rumo à Espanha em 1991 quando tinha 22 anos de idade. Em seu país natal ele atuou nos períodos de 1987-1991, 1993-1994, 2001-2002. Na Espanha isto se deu entre 1991-1993, no Japão entre 1994-1996, na França entre 1996-1997 e na Itália durante os períodos 1997-

2001, 2002-2003. Neste último país ele formou-se, pouco antes do final de sua carreira como atleta, em gestão esportiva. Depois de encerrada a carreira de atleta, passou a ocupar cargos como dirigente e/ou técnico em diversos clubes europeus, dentre eles Milan, Inter de Milão, na Itália e Paris Saint-Germain, na França. Sobre sua experiência de ter sido jogador em clubes estrangeiros ele afirma ter sido sempre curioso com relação a culturas diferentes da brasileira. "Procurei passar apenas dois anos em cada país e me esforcei para aprender a língua e conhecer o modo de vida de cada um deles" (Leonardo, apud COURA, 2009, p.4).

Carlos Caetano Bledorn Verri (Dunga), atual treinador da seleção brasileira de futebol masculino, iniciou sua carreira esportiva em 1980. Depois de sete anos, quando tinha 23 anos, transferiu-se para a Itália, onde permaneceu até 1993. Desse ano até 1995 Dunga atuou na Alemanha e em seguida no Japão, onde permaneceu até 1999. Depois disso deu-se seu regresso ao Brasil onde, em 2000, encerrou sua carreira de atleta profissional no Sport Clube Internacional. Com relação à vida de atleta no exterior ele entende que:

Um jogador estrangeiro não pode ser um corpo estranho na equipe. Quem vai para fora tem de se desvencilhar do Brasil, e não ficar procurando o Brasil lá fora. É por isso que, quando morei na Itália, tentei viver como um italiano, na Alemanha como um alemão, e no Japão como um japonês. Em Florença, por exemplo, ia sempre aos mercados tradicionais e a museus. Cheguei a entrar em lugares históricos reservados apenas para secretários de governo. No Japão, visitei vários templos budistas. Na Alemanha, tinha aulas com uma professora que me levava a festas típicas. Além disso, em todos os países, fiz amizade com famílias que me mostraram o modo de vida local. Isso foi bom não só pelo aspecto cultural. De certa forma, essas experiências me deixaram com a cabeça mais aberta e me ajudam a lidar com os jogadores como treinador." (Dunga, Apud COURA, 2009, p.6).

De maneira semelhante a Leonardo, Dunga demonstra ter tido mobilidade, tanto interna quanto externa, em sua passagem por diferentes países como jogador. Ele procurou de maneira consciente distanciar-se de seu país natal e procurou ocupar seu tempo livre no exterior para descobrir e experimentar as especificidades culturais locais, afim de acumular experiências e expandir seus conhecimentos. Neste sentido, ambos os ex-atletas em questão formataram suas biografias de maneira bastante distinta daquela que parece ser a realidade da grande maioria dos jogadores brasileiros vivendo no exterior, conforme acima destacado. Ambos correspondem de maneira bastante aproximada ao que Beck (2007) descreve como uma característica atual do mundo globalizado no que diz respeito à conformação das biografias individuais. Entretanto, estes exemplos parecem ser mais a exceção do que a regra.

Considerações Finais

Em síntese, é possível concluir que a organização formal das atividades de atletas de futebol vivendo em países estrangeiros não favorece a exploração e descoberta de particularidades locais. Afim de garantir a rentabilidade dos investimentos são tomadas medidas, por parte do empregador, em concordância com o empresário do atleta, que visam manter o foco e a concentração deste em sua atividade de preparar-se e desempenhar com êxito sua função de jogador. Os atletas vivem em grande parte dos casos em uma espécie de bolha. O que faz com que somente a mobilidade externa ocorra de fato. Esta, entretanto, se dá em grande medida pela presença nos e trânsito pelos “lugares comuns”. Ela, a mobilidade externa, é organizada pelo clube de maneira tal, que resta pouca margem de interferência do atleta. Por isto as possibilidades para a construção de biografias globais são bastante diminutas. Na esfera privada, na qual os atletas em tese têm maior margem de decisão, eles dão preferência ao estilo de vida brasileiro e permanecem, assim, psicologicamente presos ao seu país de nascimento. De um lado, eles têm condições materiais suficientes para reconstruir, em grande medida, seu estilo de vida brasileiro onde quer que estejam. De outro, a grande maioria deles parece não estar interessada em “se apaixonar” pelo lugar onde passam a trabalhar e viver.

Daí resultam tendências contraditórias: Por um lado, esta reconstrução do estilo de vida brasileiro no exterior e as regras impostas pelo clube e pelo empresário agem como mecanismos de isolamento dos atletas. Mecanismos estes que aparentemente contribuem para o sucesso profissional dos mesmos. Tal realidade, por sua vez, contribui para a continuidade e ampliação da globalização do futebol. Por outro lado, estas medidas tomadas nos âmbitos privado e profissional, somadas ao papel das tecnologias de comunicação e aos meios de transporte a preços acessíveis, criam as condições para a manutenção da identidade brasileira no exterior. Ou seja, contribuem de maneira decisiva para a imobilidade interna. Caso surjam percepções e vivências cosmopolitas, elas se dão apenas de maneira parcial e, sobretudo, em “lugares comuns”. Os mencionados exemplos contrários a este padrão (Dunga e Leonardo) podem ser facilmente entendidos como exceções à regra.

Vale, entretanto, questionar quanto ao porquê de apenas poucos usarem seu tempo livre de maneira mais „produtiva“. Poder-se-ia questionar, por exemplo, se o controle do cotidiano dos jogadores exercido pelos clubes se intensificou com o passar do tempo. Da mesma forma parece pertinente questionar sobre qual seria o papel do nível de instrução e/ou

da idade dos atletas no que tange a suas opções de atividades realizadas em seu tempo livre. Talvez mais pertinente ainda seria investigar sobre a realidade daqueles atletas quase anônimos, que certamente constituem a grande maioria dos jogadores no exterior e além disso não possuem recursos financeiros comparáveis aos mais famosos. E que rumos toma aquele contingente ainda maior de jovens que investiram na carreira futebolística sem terem conseguido efetivar sua profissionalização?

Referências

- ALVITO, M. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, vol.XLI (179), S. 541-474, 2006.
- BECK, Ulrich. **O que é Globalização?** Equívocos do globalismo, respostas à globalização. Tradução de André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BESSON, R.; POLI, R.; RAVENEL, L. **Global Player Migration Report 2011**. Disponível em: <http://www.eurofootplayers.org/IMG/pdf/Gpmr_2011-2.pdf>. Acesso em: 25.08.2011.
- CBF (Confederação Brasileira de Futebol). **Transferências Internacionais**, Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/php/transferencias.php>>. Acesso em: 26.06.2011).
- COURA, K. Chuteiras que valem ouro. In: **Revista Veja**. Ed. 2112. 13 Maio, 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/130509/p_076.shtml>. Acesso em: 26.06.2011.
- EISENBERG, C. Fußball als globales Phänomen: Historische Perspektive. **Aus Politik und Zeitgeschichte**. Herausgegeben von der Bundeszentrale für politische Bildung, Bonn. B 26, S. 7-15, 2004.
- FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*). **Federações (2014)**. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>>. Acesso em: 17.10.2015.
- GIDDENS, A. **Entfesselte Welt: Wie die Globalisierung unser Leben verändert**. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 2001.
- HELD, D. et al. **Global Transformations**. Politics, Economics and Culture. Cambridge: Polity Press, 1999.
- POLI, R. Understanding Globalization through Football: The New International Division of Labor, Migratory Channels and Transnational Trade Circuits. **International Review for the Sociology of Sport** 45(4): 491-506, 2010.
- RIAL, C. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. **Antropologia em Primeira Mão**: 109:1-24. PPGAS/UFSC, 2009.
- RIAL, C. Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIAL, C. Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... **Antropologia em Primeira Mão**: 87:1-48. PPGAS/UFSC, 2006.

SCHULZE, M., D. Die Geschichte der FIFA-Fußballweltmeisterschaft. **Fußball und Politik**. Landeszentrale für politische Bildung Baden Württemberg, 56 Jahrgang Heft 1: 4-13, 2006.

TAYLOR, M. Global Players? Football, Migration and Globalization 1930-2000. **Historical Social Research** 31(1): 7-30, 2006.

ⁱ Sobre este ponto Beck (1999, p.46) menciona que segundo Karl Marx e Immanuel Wallerstein o início da globalização seria o século XV, já Anthony Giddens e Ronald Robertson, veriam tal início no século XVIII e XIX, respectivamente.

ⁱⁱ Citação no original: „*nicht wenige jener Briten, die sich auf die Dampfschiffe begaben, hatten einen Fußball im Gepäck*“.

ⁱⁱⁱ Um exemplo é o Internacional de Porto Alegre, cujo nome oficial é **Sport Club** Internacional. (<<http://www.internacional.com.br/home.php>>; 13.10.2015).

^{iv} Há de se mencionar que também países não oficialmente reconhecidos como tal, são tidos como integrantes individuais da FIFA. Exemplos: China/Hong Kong, ou Porto Rico/USA.

^v Citação no original: „[...] *eines der am häufigsten strapazierten Schlagwörter bei dieser WM 2002 war. 361 der 736 für das Turnier gemeldeten Kicker verdienten ihr Geld bei ausländischen Arbeitgebern*“.

^{vi} Tal pesquisa se deu via entrevistas, conversas pessoais e/ou telefônicas com familiares, empresários de atletas, treinadores, amigos dos atletas e com os próprios jogadores. Os países onde os atletas vivem ou viveram são: Holanda, Espanha, Japão, Canadá, França e Bélgica.

^{vii} O artigo foi construído a partir de entrevistas com jogadores e ex-jogadores, representantes de clubes europeus atuantes no Brasil como caça talentos, bem como dirigentes de clubes.